



NÀNA PÁUVOLI

A FUGITIVA

Uma mocinha em busca
de uma vida diferente.
Um mocinho inexperiente
e fora dos padrões.

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A FUGITIVA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Nàna Páuvoli, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Bárbara Parente
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Ilustração e lettering de capa: Andressa Meissner
Composição de capa: Renata Spolidoro
Imagens de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Páuvoli, Nàna
A fugitiva / Nàna Páuvoli. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
224 p.
ISBN 978-85-422-2156-5
1. Ficção brasileira I. Título
23-1597 CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editora-planeta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em FreightText Pro
e impresso pela Gráfica Santa Marta para a
Editora Planeta do Brasil em julho de 2023.



CAPÍTULO 1

Nicolly Silva de Lima e Castro

NAQUELE DIA EU DECIDI QUE IA MORRER.

A Nicolly que todos conheciam iria sumir do mapa, como fumaça. Não de verdade, é claro. Eu não tinha coragem de me matar, porque as alternativas eram assustadoras. Mesmo triste, sem aguentar mais aquela vida, com o rosto inchado por ter recebido uma pancada do meu marido, eu jamais conseguiria cortar os pulsos ou tomar veneno. Nem me jogar de uma ponte. Tinha pavor de sentir dor e medo de altura!

Eu morreria para o mundo conhecido, me transformaria em outra pessoa. Tão logo a ideia surgiu, eu soube que fora a coisa mais inteligente em que pensara em toda a minha vida.

Claro que a ideia não tinha sido exatamente minha. Eu havia visto em um filme, enquanto colocava gelo na face dolorida, humilhada e cansada de tudo, deitada na minha cama imensa e usando uma das minhas camisolas curtas de seda. Na televisão passava um filme antigo enquanto eu remoía a tragédia que era meu casamento, os abusos cada vez mais insuportáveis. Então, a Julia Roberts forjou o próprio afogamento e sumiu do mapa, deixando para trás um marido abusivo. Por que eu não podia fazer o mesmo?

Prestei mais atenção no filme, nos detalhes. Minha mãe e Roger diziam que eu era burra, que não prestava para nada. Todos me viam como a loira plastificada e gostosa que só servia para ficar de boca fechada, um bibelô para ser admirado e desejado. Eu até achava que eles tinham razão, já que ouvira isso a vida toda. Mas eu provaria o contrário! Tinha cérebro sim, e ele iria me livrar do inferno!

Comecei a fazer planos desde então, sabendo que não poderia contar com ninguém. Juntei dinheiro e separei joias minhas que não fariam falta. Já tinha visto em outros filmes que precisaria evitar os cartões de crédito e arranjar uma identidade nova. Comprei roupas bem diferentes dos vestidos colados e sensuais que eu usava. Jeans, moletons, tênis, coisas que sempre causaram horror na minha mãe. Enfiei tudo em uma mochila e escondi.

Dava vontade de chorar. Abandonar o luxo, me arriscar em uma loucura como aquela! E se Roger descobrisse e me pegasse? Antes ele me humilhava com palavras, controlava tudo na minha vida, desde o que eu comia até o que eu vestia, fazia exigências. Agora, quando reagi à filha mimada dele que me ofendeu, ele tinha me dado um soco na cara. Para piorar faltava pouco. Talvez ele até me matasse se soubesse dos meus planos.

Vitória, minha mãe, nunca iria me perdoar. Eu era sua galinha dos ovos de ouro, a filha de vinte e quatro anos que aos vinte conseguira fisgar um viúvo muito rico, garantindo para ela uma vida boa. Mas não tinha sido assim desde que eu me entendia por gente? Ela me colocando ainda criança em concursos de beleza, me preparando para ser chamativa e sexualizada? Eu estava cansada de obedecer.

Quando a procurei, chorando por ter apanhado de Roger e por ter sido obrigada a pedir desculpas a Laura, que ainda havia rido da minha cara, ela pouco ligou. Presenciou meu desespero, que crescia com o tempo, e escutou meus desabafos olhando para mim com a mesma atenção que dedicava às suas unhas recém-pintadas.

— Para de falar besteira! Vai lavar esse rosto e retocar a maquiagem. Foi só um imprevisto bobo! Esqueça!

Fim da história. Eu era uma idiota chorona por me sentir uma boneca montada, controlada e por fim espancada. Devia sorrir e agradecer pelas roupas de grife, pela mansão onde morava, pelo marido que tinha. Infelicidade e abuso não eram nada diante de uma vida rica! Melhor engolir o choro com a cara inchada e diamantes no pescoço do que rir em um barraco qualquer.

Então, eu só podia contar comigo mesma. Se a Julia Roberts conseguiu, eu também iria conseguir! Em um lugar onde ninguém pensaria em me procurar caso desconfiasse do suicídio. Uma área totalmente diferente. Eu faria minhas próprias escolhas.

Estava decidido!





CAPÍTULO 2

Nicolly

— JÁ FOI PARA A ACADEMIA HOJE, BEBÊ?

Parei antes que o garfo chegasse à minha boca, levando uma porção generosa de frutas. Ainda sorri, tensa, o tempo todo tentando disfarçar o nervosismo.

— Vou à tarde. Tenho salão agora de manhã.

— Você não devia comer tanto assim. Está linda, mas ganhando peso.

Roger me olhava com ar paternal, até mesmo carinhoso. O tom que sempre usava comigo era o de alguém que sabe muito mais e tem paciência para ensinar.

— Claro. — Voltei o garfo para o prato.

Minha expressão era submissa, mas eu borbulhava de raiva. Enquanto a mesa era farta e ele se servia livremente com a filha, eu era obrigada a manter a dieta. Já estava abaixo do peso ideal, mas meu marido sempre achava que era possível melhorar.

Laura sorriu, cortando um pedaço de queijo, altiva. O tempo todo mirava meu olho ainda meio arroxeadado, cheio de maquiagem para disfarçar. Havia orgulho naquilo, sabendo que tinha sido por sua causa que o pai me batera. Para defender sua menininha mimada.

Tive vontade de gritar, levantar, arrancar a toalha da mesa, jogar tudo para o alto. Sair dali de cabeça erguida, decidida. Recomeçar do nada.

Mas eu não tinha coragem. Roger não permitiria que eu escapasse sem fazer da minha vida um inferno. Estava acostumado demais a mandar em mim, a controlar tudo, da alimentação até o corte de cabelo. E minha mãe com certeza se juntaria a ele. Seria melhor morrer de verdade. No fundo, eu não era páreo para nenhum dos dois e os obedeceria, sob pressão. Como sempre tinha sido.

— Vou para o escritório. — Laura se ergueu, jogando o guardanapo de linho sobre a mesa e pegando sua bolsa de grife. Com quase quarenta anos, dois casamentos falidos e nenhum filho para comprometer sua forma física, continuava sob as asas do pai, querendo atenção exclusiva dele. — Tenho reuniões importantes hoje.

— Eu acompanho você. — Roger se inclinou, segurou meu queixo e me fez encará-lo. — Boa menina. Leve a dieta a sério e não deixe de ir ao salão nem à academia. Quero você bem linda hoje, quando eu chegar.

Fiz que sim com a cabeça, sem condições de falar. O coração batia como louco no peito, o medo me deixava gelada. Quase estremeci só de imaginar o que ele faria se lesse os planos nos meus olhos ou descobrisse a mochila enfiada embaixo do banco do meu carro.

À noite eu não estaria mais ali. Não seria mais obrigada a suportar aquele nojento me dando ordens nem passando as mãos frias em mim. Eu seria livre.

Ele sorriu e se levantou, elegante em seu terno caro, sem perceber nada. Saiu conversando com Laura e eu nem me movi, paralisada, fria. Eu só podia estar louca se achava que tudo iria dar certo. Eu era burra! Levaria uma surra quando ele me pegasse!

Desista!, uma voz gritou dentro de mim, apavorada. Lembrei-me da garotinha que tinha sido um dia, correndo, rindo, sem imaginar o futuro que me aguardava. Eu podia voltar a ser a menina livre e dona dos próprios sonhos. Podia fazer o que eu quisesse!

Respirei fundo e agarrei um croissant, como a demonstrar minha força, minha determinação. Dei uma grande mordida nele e o sabor foi uma explosão de sentidos. Fazia anos que eu não sabia o que era provar açúcar e farinha branca. Até havia comido escondido algumas vezes, mas o medo de inchar, de ganhar gramas e de Roger notar me fazia enfiar o dedo na goela e vomitar tudo. Com o tempo, acabei nem tentando mais.

Devorei o croissant, deliciada, para mostrar minha resistência. Dali por diante nada nem ninguém me diria o que fazer. Eu podia ser pobre, gorda, ganhar uma miséria, mas as coisas seriam do meu jeito! O croissant me deu forças para levantar, engolindo o último pedaço, decidida a descobrir de uma vez quem era Nicolly! Ou melhor, quem era a mulher dentro de mim ansiosa para sair e fazer seu mundo!

Limpei a boca. Num acesso final de rebeldia, catei mais dois pães supercalóricos e os envolvi num guardanapo, que enfiei na bolsa. Só então puxei o ar, ergui o queixo e saí dali como se nada de anormal fosse acontecer, para o caso de algum empregado me ver. Era apenas eu, de salto alto, cabelo batendo na cintura e vestido grudado, seguindo para meu dia de beleza.

As mãos tremiam quando cheguei ao carro. Entrei respirando fundo, procurando a mochila. Foi um alívio constatar que ela continuava embaixo do banco do passageiro. Meu futuro todo estava ali.

Dirigi olhando em volta, como se notasse cada coisa pela primeira vez. A mansão ficando para trás, o gramado bem tratado, com o paisagismo perfeito, os portões se abrindo para o condomínio que era um dos mais caros do Brasil. O salão ficava perto, na Barra da Tijuca, entre lojas de grifes caríssimas e shopping centers exclusivos. Peguei o caminho oposto. Para o desconhecido e a liberdade, o medo presente, a esperança também.

Algumas coisas estavam traçadas, outras seriam surpresas. Talvez Roger descobrisse tudo antes que eu me afastasse demais. Do jeito que eu era burra, iria cometer algum erro. Mas estava decidida a tentar.

Dirigi com a mente cheia, sentimentos diversos me atacando, o futuro totalmente incerto. Qualquer pessoa me acharia maluca por abandonar aquela vida de princesa, tendo tudo do bom e do melhor e podendo ser uma das herdeiras de Roger, já com sessenta e quatro anos. Talvez eu fosse mesmo e, quando ficasse por minha conta, me arrependesse. Mas naquele momento eu simplesmente não aguentava mais!

Comi os dois pães, a boca cheia e salivando, o nervosismo abrindo meu apetite e se misturando com a sensação de liberdade que crescia.

A imagem dele invadiu minha mente, e o asco foi o maior incentivador que eu poderia querer. Ele era velho, de pele flácida, magro, calvo, com olho de peixe morto. A boca murcha na minha não excitava, e eu precisava fechar os olhos, fingir, pensar em outras coisas. O sexo era um tormento que ajudava a aumentar meu desespero. Para piorar, as ordens, sempre presentes. *Faça assim, coma isso, vista tal coisa, malhe mais, seja boazinha...*

Acelerei e peguei a estrada, orientada pelo GPS.

Tudo estava planejado.

Nicolly Silva de Lima e Castro iria morrer naquele dia. Em seu lugar nasceria outra mulher. Sem a lente de contato verde, sem o mega hair loiro até a cintura. Sem saltos, sem nada. Perdida em algum lugar no Sul do Brasil. Onde jamais pensariam em me buscar, afinal eu odiava frio! Isso se desconfiassem do meu suicídio.

Examinei meus olhos falsos no retrovisor, assim como os cílios postiços. A maquiagem impecável, a boca carnuda dos preenchimentos que Roger e minha mãe insistiam que eu fizesse. Em pouco tempo eu não teria dinheiro para nada disso. Eu iria me enxergar além do silicone nos peitos, das plásticas, daquilo que tinha me tornado.

Minha mãe ficaria horrorizada se visse o nome novo na carteira de identidade falsa que eu havia comprado pela internet. Maria de Deus. Ela vivia dizendo que nome feminino devia ter Y ou W, letras repetidas, para ficar sexy. Eu tinha pensado em optar por Scarlett, ou Natasha, até mesmo Stephanie. Sem Y. Mas lutei contra o costume e consegui que fosse Maria. O mais simples possível.

Quase chorei sem saber se iria me acostumar, como viveria dali para a frente. Os riscos tinham sido imensos, mas não me fizeram parar. Segui pela Avenida Brasil e dali para a Rio-Santos. Em trechos que havia pesquisado, que não eram monitorados por câmeras. Com precipícios. Perto da entrada de Mangaratiba.

Foi difícil dirigir, pensar, temer. E assim segui, até passar por uma curva acentuada e ver meu ponto perfeito. Os tremores voltaram e eu joguei o carro para o acostamento, ao lado da mureta de segurança. Era ali.

Apertei o volante, puxando o ar com força e tremendo mais que vara verde sob uma tempestade violenta. Eu precisava agir. E foi o que eu fiz.

Peguei a mochila e tirei de lá os tênis, a calça e o casaco largos de moletom. Tirei a roupa ali mesmo, ouvindo carros passarem, protegida pelos vidros escuros, pisca-alerta ligado. Meu vestido foi guardado na mochila. Deixei os sapatos de salto perto de mim. Com certa dificuldade, vesti a roupa grande e amarrotada. O cabelo ficou preso embaixo do capuz; óculos escuros cobriram quase a metade do meu rosto.

Então, segurei o envelope branco com a carta de suicídio dentro. Tive que ler de novo, só para conferir se estava tudo certo:

Roger, mãe...

Eu queria ser o que vocês esperavam de mim, mas não consegui.

Há meses enfrento calada uma depressão, e agora desisto de vez. Saio da vida de vocês, e não fico para a história. Se acharem meu corpo no mar, me deem um enterro digno.

Perdoem minha fraqueza. Prefiro morrer a envergonhar mais vocês.

Adeus,

Nicolly

Estava boa. Eu tinha lido em algum lugar sobre um cara que havia se matado deixando uma carta do tipo *saio da vida para entrar na história*. Achei bonito. Mas eu sabia que ninguém iria se importar muito, então mudei um pouco as coisas.

Guardei a folha no envelope e o deixei no banco do passageiro, ao lado da minha bolsa com chave, celular e outros itens pessoais que de nada me serviriam. O coração batia descompassado quando saí do carro e o tranquei. Olhei em volta e aproveitei que não passavam carros. Fui até a beira do precipício, vendo o mar explodir lá embaixo. Joguei meus sapatos vermelhos e eles logo foram tragados pelas ondas. Talvez os encontrassem.

Rapidamente me afastei pelo acostamento, andando rápido. Um carro passou voando ao meu lado e eu continuei de cabeça baixa, escondida sob o capuz. O sol ardia, esquentava. O tênis barato apertava meus pés. Mas nenhum desconforto me demoveu do meu objetivo.

Andei dezessete minutos até ver a placa de entrada para Mangaratiba. O ônibus para Ubatuba, no estado de São Paulo, sairia em uma hora. A passagem já estava comprada. Tempo suficiente para entrar no banheiro, cortar o cabelo bem curto, tirar toda a maquiagem. Eu queria passar despercebida.

De Ubatuba eu seguiria para a cidade de São Paulo em outro ônibus, e de lá para Santa Catarina. E então eu pararia no lugar mais distante e esquecido possível.

Maria de Deus finalmente iria nascer.